

Episódio 12. **Come chocolates pequena, come chocolates**

Localização: **Casa Fernando Pessoa / Campo de Ourique**

*Eléctrico*

**Sofia:** Nos anos 20 e 30 Campo de Ourique era um bairro afastado do centro da cidade, e aqui vivia uma classe média baixa. Hoje o número 16 da Rua Coelho da Rocha é A Casa Fernando Pessoa. Abriu em 1993.

*Porta a abrir-se*

**Sofia:** Em 1920 a família de Pessoa regressa da África do Sul. Ele alugou o primeiro andar direito deste prédio e mudou-se para cá com a mãe, que entretanto faleceu; os irmãos rapazes, que depois foram estudar para Inglaterra e a irmã Teca, que aqui casou e formou uma família.

*Passos em chão de madeira*

[00:00:51.19]

**Manuela Nogueira:** Eu conheço o tio Fernando desde que abri os olhos. Ele era uma pessoa extraordinariamente alegre, bem-disposta em casa, não tem nada que ver com a imagem que hoje em dia aparece. Era uma pessoa que tinha o gosto de brincar com crianças, mas não de as educar. E depois escrevia uns versos muito malcriados, que é o que os miúdos gostam. A minha mãe dizia, ‘Ó Fernando por amor de Deus’ e ele insistia e eu até os tenho aqui se quiser eu posso dizer alguns. O Monstro do *Loch Ness* naquela altura veio nos jornais a aparição, na Escócia, no *Loch*, que quer dizer lago, não é?, do monstro *Ness*. *Há um monstro de Loch Ness, que anda a fazer que aparece, é que se aparece está a fingir que ali nada há. O monstro de Loch Ness é aquele e é esse. É aquele porque é, o que esse tem ao pé e por isso o pescoço que tem é pouco grosso e nada, nada todo nu, sem mostrar o tutu.* Isto são brincadeiras que ficaram registadas, algumas até foi um primo meu, muito mais velho e portanto que as registou e depois passou para a minha mão, porque eu naquela altura não escrevia suficientemente bem, nem saberia que ele seria um génio e por isso não guardei nada.

**Luís Miguel Nogueira Rosa Dias:** Na altura, brincava mais com a minha irmã do que comigo. Ela fazia-lhe a barba e não sei quê e então, ele depois colaborava tal e qual com ar muito sério e depois dava-lhe um tostão e ela atravessava a rua e ia à confeitaria da frente comprar um chocolate.

*Crianças a brincar na rua*

**Manuela Nogueira:** Ele adorava crianças, adorava. Então aquela história de ir a Rua Coelho da Rocha, ver-me a mim a janela, e depois fingir que tropeçava num candeeiro, depois pedia desculpa ao candeeiro, tirava o chapéu, depois perdia uma moeda na rua. Naquela altura havia miúdos na rua, os marçanos da mercearias, que hoje em dia não existem, que eram os empregados, novinhos, crianças quase, que trabalhavam nas mercearias, vinham à volta à procura da moeda, estava tudo ali à volta dele e aquilo tudo eu ria, ria na janela lá do primeiro andar, porque achava, já sabia que ele estava a fazer uma fita.

[00:03:18.05]

**Luís Miguel Nogueira Rosa Dias:** Depois chegava ó, a um candeeiro eléctrico, da rua e punha-se em posição de Íbis.

**Manuela Nogueira:** Depois quando chegava a casa, fingia que caía pela escada abaixo, subia 3 degraus e fingia, fazia muito barulho com os pés. A minha mãe dizia assim, “Ó Fernando hão-de pensar que tu és louco”. “Ah é isso mesmo que eu quero que julguem”. A minha mãe era mais nova, mas fazia um bocadinho papel de mãe dele.

*Passos em chão de madeira*

**Luís Miguel Nogueira Rosa Dias:** A mãe achava que o irmão ficava ali recolhido, com as coisas a escrever, a escrever e era pouco prático. E depois preocupava-se que achava que o irmão comia mal, chegava tarde, não aparecia, muitas vezes não almoçava, bebia só um café, e coisas desse género.

**Manuela Nogueira:** Mas era muito certinho a vir, até vinha almoçar, veja lá, do escritório, e ao jantar dava-me presentes quase todas as semanas, eu tive tantos presentes dele como eu nunca vi, hoje em dia é que percebo o que era... Nós tínhamos guardanapos, não é?, na mesa e eu chegava à casa de jantar e via que o meu guardanapo estava gordo, tinha uma coisa lá de baixo. Eu lembro-me de algumas coisas. Uma coisa que eu adorei era um carrinho de bonecas branco com uma capota encarnada com um bebezinho lá a dormir dentro tapadinho com uma coisa qualquer. Bem, eu era muito assim explosiva ficava doida, ia ao pé dele, abraçava-o, dava-lhe beijinhos, ficava muito contente, porque era um presente. A parte séria do Fernando Pessoa é a parte da escrita, da imaginação. Eu sei que o meu pai tinha uma grande admiração por ele, reconhecia-o como um homem inteligentíssimo, ajudou-o até em certas iniciativas que o Fernando tentou fazer. A minha mãe dizia muitas vezes, “Que pena Fernando não seres conhecido”, quando ele acabava de ler um poema depois do jantar.

*Passos em chão de madeira; gaivotas*

**Manuela Nogueira:** Nós tínhamos um, agora a casa não é assim, não é?, tínhamos um corredor em L. Entrava-se, virava-se à direita e depois fazia assim um L, e no outro extremo oposto era uma casa de banho, e eu lembro-me de o ver naquele corredor de mãos atrás das costas, que era a posição dele, de camisa branca, sem casaco, com as calças escuras, cinzentas escuras, e a passear naquele corredor indefinidamente, de um lado para o outro, de um lado para o outro, que devia estar pensando, lucubrando. Eu tinha a sensação que não podia interromper, era uma coisa estranha, que fiquei toda a vida com essa sensação.

*Biblioteca*

**Sofia:** Nesta casa estão guardados os livros da biblioteca de Fernando Pessoa. Esta biblioteca mostra um homem interessado pelos temas todos.

[00:06:24.19]

**Antonio Cardillo:** Lia tudo. Praticamente de tudo. Isto parece simplificar, mas realmente não é assim.

**Jerónimo Pizarro:** E eu acho que um dos grandes fascínios de Fernando Pessoa é que não apenas foi muitos, mas nitidamente foi o autor português que se interessou por mais temas até agora.

**Sofia:** Temas e autores. Mas onde não há diversidade é em questões de género. A maior parte dos livros que estão na biblioteca foram escritos por homens, o que aliás estava em concordância com a época.

**José Barreto:** Ele achava que a plebe tal como as crianças ou as mulheres - ele punha tudo no mesmo no mesmo, não tinham direito a às liberdades, aos direitos, não tinham direito à liberdade de expressão como deveriam ter, para ele, os intelectuais, masculinos, não é? Porque ele também achava que intelectual só podia ser masculino. Uma mulher intelectual, para ele, era um caso raro, ele concordava que existiam, esses casos, mas que não eram incharacterísticos e, que e em vários escritos defendeu que também que isso era uma espécie de inversão sexual, ou seja, eram mulheres masculinizadas.

**Sofia:** Os livros que estão na biblioteca são apenas uma parte dos livros que Pessoa leu. Estão quase todos em inglês. Pessoa frequentava muito Livraria Inglesa e mandava vir

livros pelo correio. E através do que Pessoa escreveu nos livros que lia e dos sublinhados, nós podemos descobrir dados novos sobre a obra dele.

[00:08:09.22]

**Antonio Cardiello:** Muitos deles foram lidos várias vezes, temos os sublinhados, temos os traços, temos as notas de leitura, temos marginália. Por exemplo, nós temos na biblioteca há duas edições de selecções de textos em inglês de poemas do Walt Whitman. Uma destas edições, temos uma passagem em que o Walt Whitman está a explicar quem é ele, aquela expressão que ele diz *I am large, I contain multitudes*, e esta expressão acaba por despertar o interesse de Fernando Pessoa, porque ele escreve uma nota a lápis e escreve em inglês *explication for Caieiro*. E portanto os próprios livros são pequenas caixas e quando nós estivemos lá a abrir estas caixas descobrimos outras caixas dentro das caixas, portanto é uma espécie, mais uma vez, de jogo pessoano. Nós não sabíamos aquilo que íamos descobrir, descobrimos coisas inesperadas, mais uma vez com a sensação que Fernando Pessoa estava por trás disso tudo.

**Sofia:** Os livros foram digitalizados e podem ser consultados online. Muitos dos livros a biblioteca de Fernando Pessoa são de cariz esotérico. O esoterismo é o tema do episódio seguinte, que pode ouvir no percurso até ao Cemitério dos Prazeres.

**Créditos:**

Vozes:

Manuela Nogueira, Luís Miguel Nogueira Rosa Dias, Antonio Cardiello, Jerónimo Pizarro, José Barreto e Sofia Saldanha.

Bibliografia:

Tabacaria, 15-1-1928

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

- 252.

1ª publ. in Presença, nº 39. Coimbra: Jul. 1933.